

## O RINOCERONTE E OUTRA FAUNA NO JARDIM ZOOLÓGICO DE LISBOA

No dia 28 de Maio de 1884, o Jardim Zoológico de Lisboa, instalado no Parque de S. Sebastião da Pedreira, abriu as suas portas ao público. A Família Real, representada pelo Rei D. Luis, Rei D. Fernando (Presidente de honra da sociedade do Jardim), o príncipe D. Carlos e o Infante D. Augusto la estavam nesse dia. O Governo, presidido por Fontes Pereira de Melo, não faltou.

Quando da sua constituição e aos primeiros rumores sobre o aprecimento do Jardim, mais propriamente em Agosto de 1882, escrevia o Diário de Notícias: "Este primeiro Jardim Zoológico de Portugal será o único na Península e poderá ficar pela nossa posição geográfica, pelo nosso clima, pelas nossas relações colonias e internacionais, em pouco tempo, com a colecção de animais e plantas aclimatadas, a mais rica na Europa e um dos maiores ornamentos da Capital..."

Este pensamento do Diário de Notícias, sintetiza o pensamento dos homens de boa vontade e entusiasmo que se lançaram na organização do nosso Jardim Zoológico. Foram muitos e muito ilustres, aqueles que desinteressadamente lhe foram dedicando o seu tempo e o seu saber, mas, entre eles, pelas marcas indeleveis que lhe deixou, não podemos deixar de destacar o Arquitecto Raul Lino que a partir de 1912 e já nos terrenos definitivos onde hoje se encontra o Jardim, desenvolveu uma actividade que, depois do êxito retumbante que teve na criação da aldeia dos macacos em 1927, deixou bem marcada e chegou até nós, cheia de beleza e de prestígio.

Contudo, toda essa concepção gravitava como não podia deixar de ser, na tecnologia da exposição e tinha em vista o enquadramento, num lindíssimo parque vegetal, dos mais variados tipos de animais de que as colónias e o Brasil eram ricos e podiam fornecer com toda a facilidade. As ligações eram feitas tanto sob o ponto de vista administrativo, como ate no sector de transportes pela via usada na altura — a marítima. Na verdade, no Jardim não faltavam animais, e aqueles que porventura iam morrendo, logo eram substituídos por outros da mesma origem, e as novas jaulas que eram concebidas tendo em vista a segurança dos visitantes,



a boa exposição dos animais e a sua própria beleza arquitectónica, eram rapidamente ocupadas por animais oferecidos.

Entretanto o Jardim foi sobrevivendo a três mudanças de local e a períodos de crise e de abundância, procurando sempre apresentar-se como óptimo local de lazer e mostrando uma fauna sempre renovada, representativa de vários continentes, em especial do Africano e do Sul Americano.

Paralelamente à revolução de Abril que suspendeu os apoios coloniais, intensificou-se a reacção mundial ao extermínio das espécies e a captura e a deslocação dos animais selvagens, foi felizmente dificultada, opondo-se a nova legislação internacional a que o homem, ávido de lucros fáceis, insistisse no seu desaparecimento, a troco do seu enriquecimento próprio.

O Jardim Zoológico de Lisboa acompanhou imediatamente os novos objectivos que deixam de ser a mera exposição dos animais para se transformarem em reservatórios das espécies em vias de extinção, autênticos laboratórios vivos de multiplicação destas espécies com vista ao repovoamento dos seus locais de origem.

Para esta viragem torna-se necessária a revisão de todas as estruturas das instalações de animais, procurando-se aproximar a sua existência à que tinham em plena liberdade e que se traduzem na prática, em especial, pelo alargamento do território que lhes é oferecido, pela criação de condições que lhe permitam o combate ao "stress" do enclausuramento e lhes dêem possibilidade de privacidade onde as fêmeas possam procriar sem os sobressaltos e os incómodos naturais dos contínuos visitantes que os pretendem admirar.

A participação do nosso Zoo nos programas de sobrevivência das diferentes espécies, aliada à necessidade de se aprofundarem os aspectos didácticos que os animais podem oferecer, num ambiente de tranquilidade e de lazer obrigou-nos a um estudo profundo das espécies que podemos e devemos manter, os seus hábitos e necessidades e as disponibilidades que poderemos oferecer aos estudiosos e visitantes que os procuram.

Estamos assim em plena revolução estrutural que na prática levam ao desaparecimento das grades, ao aumento do espaço dado aos animais, à criação de condições que permitam a sua privacidade e a sua reprodução.

Paralelamente não foi esquecida a assistência médico-veterinária e foi incluída nas novas estruturas a construção de uma clínica com os meios de diagnóstico e de tratamento necessários e dispendo de uma sala de operações que permita resolver os problemas dos ferimentos que por vezes surgem nas lutas das épocas de reprodução, nas perfurações e golpes dos cornos afiados de algumas espécies e das cesarianas que evitem a morte de muitas crias e algumas mães.

O Jardim Zoológico de Lisboa tem hoje 2.250 animais agrupados em 362 espécies e sub-espécies, dos quais 672 são mamíferos, 1.595 são aves e 183 são répteis.

Entre estas espécies algumas estão em vias de extinção e outras, sendo me-nos raras, não deixam de impressionar pelo seu aspecto imponente e pela dificuldade em serem observados mesmo nos seus "habitats" preferidos.

Citamos, como exemplo, o rinoceronte que passou pela primeira vez em Portugal no reinado de D. Manuel I, através de um exemplar que este Rei recebeu da Índia para oferecer a Sua Santidade o Papa, e entrou definitivamente no Jardim Zoológico de Lisboa através de um exemplar vindo do nosso Ultramar em 1955. Presentemente temos 4 exemplares do rinoceronte branco (*Ceratotherium simum simum*) que vão ter espaço e condições para se reproduzirem, o que não acontecia nas instalações projectadas e executadas em 1955. Na verdade, estes animais, contrariamente ao rinoceronte preto (*Diceros bicornis*) além do espaço, exigem vida social onde devem existir, pelo menos 2 machos, que, na altura do acasalamento, disputam a fêmea. Um macho só, é, regra geral, desinteressado.

Para cada espécie existem particularidades deste género que estão a ser consideradas nas novas instalações em construção no Jardim Zoológico de Lisboa.

Fernando Paisana